

# BETAR & ARTES & LETRAS



## IndieLisboa

O Festival de cinema independente da capital  
já faz dez anos

**B**  
**Betar**

**ENTREVISTA**  
**ARQs.**  
**MATOS VELOSO**  
**E GOMES RIBEIRO**

*Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.*

# A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



[www.betar.pt](http://www.betar.pt)

## FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR  
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa  
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça  
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça  
REDATORA: Cátia Teixeira  
DESIGN: Jonas Reker  
CONTACTO: [arteseletras@betar.pt](mailto:arteseletras@betar.pt)



Chegou a primavera e com ela dois grandes festivais de cinema. O 10º aniversário do IndieLisboa brindanos com o melhor do cinema independente e o Ciclo Grandes Prémios do Cinema Africano com filmes africanos inéditos em Portugal.

Na música, é tempo de reviver os sucessos que marcaram os anos entre 1933 e 1983, num espetáculo inédito no Paradise Garage: 50 Anos - 50 Cantigas/ do Estado Novo à Democracia. Mais recentes são os temas apresentados no CCB, pelo angolano Waldemar Bastos, no Coliseu dos Recreios, por Marisa Monte, ou no Casino Lisboa, por Mónica Ferraz.

Quanto a teatro, aconselhamos um dueto cénico entre Fernando Pessoa e a sua Avó Louca, n´A Barraca, com interpretação de Maria do Céu Guerra e Adérito Lopes; o julgamento de Álvaro Cunhal, no Teatro Municipal de Almada, a peça “A estalajadeira”, em cena no CCB; ou “O Doente imaginário”, com texto de Molière, no Teatro Nacional D. Maria II.

As obras de arte em destaque nesta edição são de Francisco Rousseau, na mostra “A Beleza é o Nome de Qualquer Coisa que não Existe”, patente no Grémio Literário, e peças sobre a história e a evolução do design e da arquitetura de interiores, que podem ser vistas no MUDE.

Lá fora, salientamos as exposições de Eileen Gray, em Paris, Cristina Iglesias, em Madrid e Schwitters, em Inglaterra.

Por fim, realce para a entrevista deste mês com os arquitetos Matos Veloso e Gomes Ribeiro, da AMVLAB, que têm sido grandes companheiros da BETAR em Moçambique.

*‘Vivi muitos anos em África mas não fui forçado a emigrar. Neste momento é em Moçambique que está a possibilidade de exercer a actividade’.*

A conjuntura atual na óptica dos arqs. **Matos Veloso e Gomes Ribeiro.**  
Por Cátia Teixeira



Edifício do Ministério de Agricultura em Maputo



Edifício do Ministério de Agricultura em Maputo

**O arq. Matos Veloso fez parte da Organização dos Arquitectos Modernos (1947 a 1952) que acabou por dar voz a uma geração que contestava a arquitectura tradicionalista do Estado Novo. Como descreve esses tempos?**

A Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM) foi constituída no Porto, de onde sou natural e tive a minha formação como arquitecto. Dela fazia parte um conjunto de arquitectos que eram contestatários dessa arquitectura. Víamos nela uma reprodução muito tradicionalista, que não exprimia os anseios da arquitectura desse tempo. Estávamos interessados em dar resposta aos problemas sociais. Posso citar alguns nomes do grupo como o (Fernando) Távora, o (João José) Tinoco, o (Arménio) Losa, o (Octávio Lixa) Filgueiras, o Agostinho Ricca, o Marques de Araújo ou o Fernandes Amorim... Isto coincidiu com uma exposição no Ateneu Comercial do Porto, que foi no fundo o arranque da O DAM. Fizem-se



algumas conferências nessa altura, uma delas, intitulava-se “Como viveremos amanhã”. Foram intervenientes o arq. Delfim Fernandes Amorim, o professor Carlos Ramos, da Escola de Belas Artes do Porto, e eu. Em 1948, no primeiro Congresso Nacional de Arquitectura houve uma grande afluência de arquitectos da O DAM. Por esta altura existia, em França, um movimento encabeçado por arquitectos como Le Corbusier que veio a influenciar muito a arquitectura europeia. Na mesma altura, surgiu em Lisboa o ICAT.

**De que modo descreve o papel social da arquitectura?**

O Homem, nos seus primórdios, serviu-se da sua imaginação para criar uma arquitectura primitiva para se refugiar das intempéries e dos animais, uma resposta imperativa às necessidades. Com a evolução do conhecimento, a arquitectura hoje é uma técnica e uma arte. Mas eu defendo que continua a ter

como fundamento a resposta aos problemas sociais. Em África, por exemplo, as cidades são compostas por uma parte que integra as características que uma cidade deve oferecer, como saneamento e infra-estruturas, e outra que não dispõe disso. Há aqui um descalabro muito grande. Ou nos limitamos a responder nos sítios onde a arquitectura é salubre ou pensamos como dar resposta a outro tipo de problemas. Maputo tem uma população instalada na ordem dos dois milhões de habitantes e uma outra que cinto a cidade também na ordem dos dois milhões. O nosso desafio é pensar como se responde a este problema.

**O presidente da Associação Trienal de Arquitectura de Lisboa, o arq. José Mateus, referiu que “à radical segura do investimento do país na construção se juntam a legislação desfasada da realidade, a burocracia e a inexistência de uma estratégia nacional para a arquitectura”. Concorda?**



Estou inteiramente de acordo e acrescento que os regulamentos que orientam a construção urbana, nomeadamente o Regulamento Geral de Edificações Urbanas, há muito que deveriam ter sido revistos e adequados à realidade de hoje. Aliás, já no 1º Congresso de Arquitectura em 48, apresentei uma tese que se intitulava “Os Regulamentos de Construção Urbana e a sua repercussão nas soluções modernas”.

**E como descreve a conjuntura actual?**

É a pior de todas. Eu vivi muitos anos em África mas não fui forçado a emigrar, fui porque tive um convite de um colega para ir trabalhar para a Câmara de Luanda e decidi aceitar. Estive em Portugal até 1957 e depois emigrei para Angola e depois para Moçambique, onde estive até 1977. Nunca passei por uma situação semelhante à que vivemos actualmente. Hoje quem emigra fá-lo por necessidade.

**Moçambique tem sido um escape?**

Sim, eu fiquei marcado por África, pelos anos que lá vivi, e estou ligado sobretudo a Moçambique por diversas obras que lá fiz, várias delas com a BETAR, porque desde longa data que trabalho com a BETAR. - De resto um dos fundadores da BETAR, o eng. Veiga de Oliveira, quando eu era estudante de arquitectura, era estudante de engenharia no Porto. - Neste momento não temos outra solução que não seja apostar nos projectos em Moçambique, é lá que está a possibilidade de exercer a actividade. A AMVLAB, empresa que detenho actualmente com o meu sócio, o arq. A. Gomes Ribeiro, tem desenvolvido muitos trabalhos em Moçambique, dos quais gostaria de destacar o novo edifício sede para o Ministério da Agricultura. O edifício que ainda lá existe nasceu nos anos 60, pelas mãos do arquitecto João José Tinoco. Na altura eu

estava em Moçambique e tive uma pequena participação na obra. Em 1997 o corpo central do edifício ardeu e procuraram o arq. Tinoco para o recuperar, mas na impossibilidade de ser ele a fazer o projecto vieram ter comigo. Nessa altura, já com o arq. Gomes Ribeiro, estudadas as diversas hipóteses, foi decidido fazer um edifício novo, com a colaboração da BETAR.

**Como surgiu a AMVLAB e que projectos têm desenvolvido?**

Arq. Gomes Ribeiro – A AMVLAB surgiu na sequência de um contacto para fazer uma parceria com a Consulmar no projecto de remodelação do aeroporto de São Tomé e Príncipe. Começámos por fazer o Plano Director do aeroporto e depois fizemos Estudos Prévios para a aerogare, o terminal de carga, a remodelação da torre de controlo existente, o hangar, o edifício dos bombeiros e vias de acesso. Depois disso foi-nos pedido que fizéssemos o Projecto para o Ministério da Agricultura de Moçambique. Temos dado também consultoria técnica a alguns aeroportos de Moçambique, fizemos o projecto para o edifício dos bombeiros e torre de controlo do aeródromo de Évora, a aerogare e torre de controle para o aeroporto do Pico, o edifício dos bombeiros do aeroporto da Graciosa, fizemos um estudo para o centro de treino de tripulações de voo na Nigéria, que está a aguardar que a situação no país se componha e entregámos o plano director para o aeroporto de Chitima, em Moçambique, para que, após aprovação do mesmo pela Hidroeléctrica de Cahora Bassa, se iniciem os projectos para reabilitação e aumento da pista, Aerogare, Terminal de Carga, Bombeiros e Torre de Controlo, bem como os novos acessos viários ao complexo aeroportuário.

Nas artes, sugerimos uma mostra com obras de Francisco Rousseau, que foge ao convencional, e outra sobre a história e a evolução do design e da arquitetura de interiores

GRÉMIO LITERÁRIO

**Francisco Rousseau: “A Beleza é o Nome de Qualquer Coisa que não Existe”**

Até 30 de Abril

Insubmissa na sua constante fuga da lógica, esta pintura busca o inatingível, o irreal, o onírico da cor numa rebelde insubmissão às formas arcaicas e convencionais. A liberdade das formas e dos pensamentos que as geram são uma constante não só de rutura mas de repúdio dos lugares comuns e académicos mais vulgares como o acabamento, o pormenor ou a perspectiva. Tão diferentes nas cores, nos tecidos, nas formas, nos estilos, nos usos, mas todos tendo em comum a capacidade única de adaptação ao corpo humano como se fossem uma segunda pele. Nestas obras as imagens erguem-se como campos de incêndio inesperados, em fuga por abismos sem sombras. Dir-se-ia que nelas não existe inocência. Francisco Rousseau reinventa na tela o concreto, dá-lhe brilho surpreendendo o nosso olhar com um diminuto detalhe.



MUDE

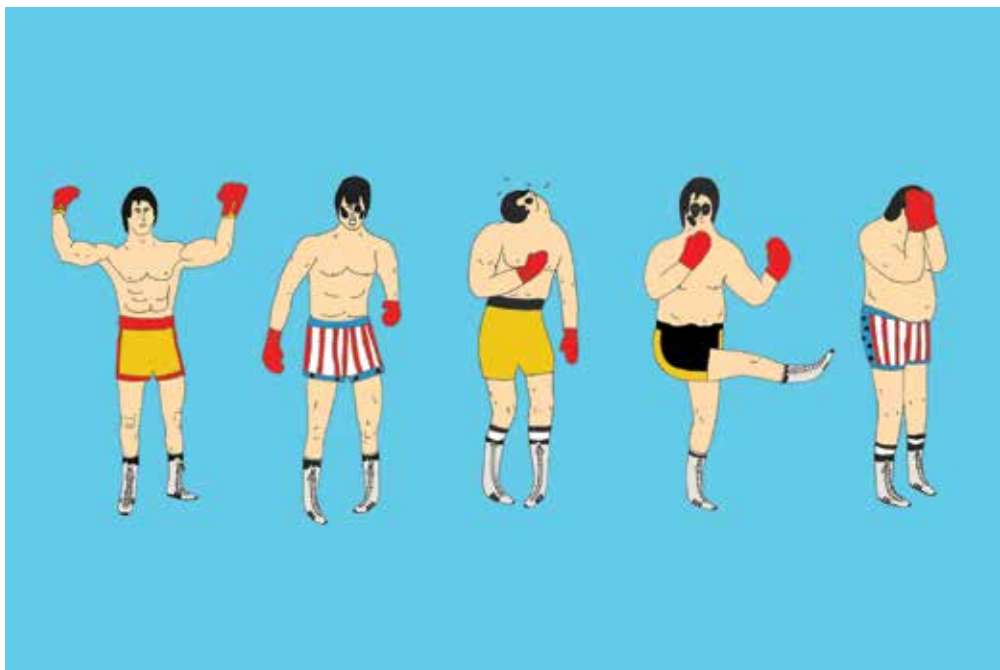
**100 anos de arquitetura de interiores em Portugal**

Até 28 de Abril

Esta mostra apresenta a história e a evolução do design e da arquitetura de interiores, numa perspectiva centrada no período entre 1900 e 1999. O visitante pode ver espaços projetados por nomes como Álvaro Siza Vieira, Alberto Caetano, António Pedro Portugal Mendonça & Manuel Maria Reis, Conceição Silva, Cristino da Silva, Cassiano Branco, Daciano Costa, Eduardo Afonso Dias, Egas José Vieira, Fernando Távora, Fernando Salvador e Margarida Grácio Nunes, Luís Bevilacqua, Marques da Silva, Manuel Graça Dias, Raul Lino, Tomás Taveira ou Ventura Terra. O objetivo é conhecer melhor o gosto e linguagens arquitetónicas e articulá-los com o contexto sociocultural das diferentes décadas. Para além de cada núcleo, estão também em exposição objetos e mobiliário concebidos para outros espaços, pertencentes a colecções públicas e privadas.

## CINEMA

Este mês, o 10.º aniversário do IndieLisboa brinda-nos com o melhor do cinema independente e o Ciclo Grandes Prémios do Cinema Africano com filmes africanos inéditos em Portugal



## IndieLisboa 13

Cinema São Jorge, Culturgest. De 18 a 28 de Abril

O 10º aniversário do IndieLisboa será celebrado com o regresso de Pablo Larraín e Richard Linklater. “No”, de Pablo Larraín, será o filme de abertura do festival, dia 18 de Abril no Cinema São Jorge. A obra do realizador está de volta, desta vez com a espantosa história da campanha televisiva que disse “não” à ditadura de Pinochet.

Outro dos destaques desta edição vai para realizadores portugueses que iniciaram o seu percurso no IndieLisboa. Actualmente, esta geração está a realizar longas metragens,

algumas com bastante repercussão. Para além de “Rafa” e “Liberdade” de João Salaviza e Gabriel Abrantes, o festival integra também duas primeiras obras: “Carne” de Carlos Conceição” e “Barba” de Paulo Abreu, ambos vencedores de prémios no festival.

Há dez anos, o primeiro IndieLisboa abria as portas ao público com o inesquecível filme de Richard Linklater, “Before Sunrise”. Dez anos depois, numa simetria simbólica, “Before Midnight” será a sessão de encerramento, dia 27 de Abril, na Culturgest.



## Ciclo Grandes Prémios do Cinema Africano

Instituto Francês de Portugal. Até 29 de Abril

Filmes africanos inéditos em Portugal estão em exibição no Institut français du Portugal. O Ciclo Grandes Prémios do Cinema Africano apresenta filmes que venceram o Étalon de Yennega do Fespaco – Festival pan-africano de cinema de Ougadougou (Burkina Faso) – considerado o mais importante festival de cinema de África. Dia 1 de Abril pode ver-se “Finhe” de Souleymane Cisse Mali, 1983, dia 8 “Histoire

d’une Rencontre” de Brahim Tsaki Algéria, 1985, dia 15 “Heritage Africa” de Kwaw Ansah Gana, 1989, dia 22 “Guimba, Un Tyran, Une Epoque” de Cheick Oumar Sissoko Mali, 1995, e dia 29 de Abril “Buud Yam” de Gaston J-M Kabore Burkina Faso, 1997. Um festival diferente, a não perder!



Em Abril, podemos reviver os sucessos que marcaram os anos entre 1933 e 1983, no Paradise Garage, ou assistir aos concertos de Waldemar Bastos, Marisa Monte ou Mónica Ferraz



### 50 Anos. 50 Cantigas/do Estado Novo à Democracia

Sextas, sábados e domingos de Abril e Maio no Paradise Garage

CONCERTO

O Paradise Garage, sala de referência em Lisboa há mais de 20 anos, apresenta o seu primeiro espetáculo original. David Ripado, Lara Afonso, Rui Drumond e Suzana Pinto recordam-nos os sucessos que estão na memória de todos nós, entre 1933 e 1983, que marcaram aquelas épocas e gerações. “Lisboa, Menina e Moça”; “Olhos Castanhos”; “Coimbra” e “Recordar é Viver” são algumas das canções revisitadas.



### Waldemar Bastos

Dia 28 de Abril no CCB

CONCERTO

Waldemar Bastos é, sem a menor sombra de dúvida, um dos maiores nomes da Diáspora musical angolana. No ano que marca o 30º aniversário sobre a sua estreia discográfica, Waldemar Bastos regressa a Portugal com um dos seus mais ambiciosos trabalhos, “Classics of My Soul”, um álbum gravado com a London Symphony Orchestra dirigida pelo conceituadíssimo Nick Ingman.



### Marisa Monte

Dias 27 e 28 no Coliseu dos Recreios

CONCERTO

Este mês a cantora brasileira Marisa Monte regressa a Lisboa para dois concertos, integrados na digressão “Verdade Uma Ilusão”, onde apresentará as canções do seu mais recente álbum, intitulado “O Que Você Quer Saber de Verdade”. Estes concertos têm uma forte componente ligada às artes plásticas, através da projeção de obras de artistas brasileiros, como Luiz Zerbini, José Damasceno ou Jonathas de Andrade.



### Mónica Ferraz

Dia 30 no Casino Lisboa

CONCERTO

Com um início de carreira marcado pelo jazz, Mónica Ferraz já provou estar também à vontade no rock, soul e pop, tendo conquistado o público nacional. Em 2013, antes da edição do 2º álbum, Mónica Ferraz lançou Have a Seat, terceiro e último single do seu álbum de estreia e apresenta Unplugged Tour, uma série de concertos intimistas onde regressa às suas origens, mas sem esquecer os já grandes sucessos.



## Concertos em abril

por António Cabral

Em Abril volta a Ópera ao S.Carlos. Há a Festa da Música no CCB. A Gulbenkiam tem um programa recheado e variado. Não nos podemos queixar.

### FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

[www.musica.gulbenkian.pt](http://www.musica.gulbenkian.pt)

3/4 às 21h, 5/4 às 19h, 13/4 às 21h, 4/4 às 19h, 20/4 às 19h e 28/4 às 1h (Grande Auditório)

Concertos dos pianistas Murray Perahia, Elisabeth Leonskaya, Leif Ove Andsnes e Zoltán Kocsis. Qualquer deles é muito bom. Escolha pelos programas que interpretam.

4/4 às 21h, 5/4 às 19h, 18/4 às 21h e 19/4 às 19h (Grande Auditório)

Ciclo Integral das sinfonias de Brahms

8/4 e 9/4 às 19h (Grande Auditório)

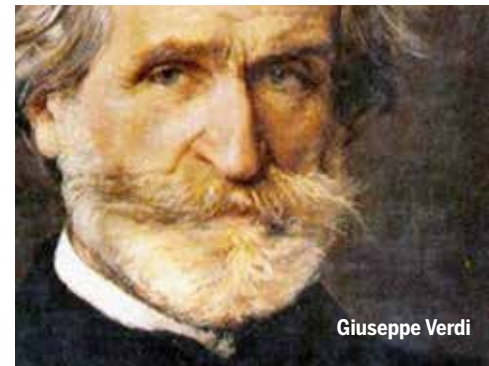
Ciclo Integral dos quartetos de Schubert pelo Quarteto Casals

11/4 às 21h e 12/4 às 19h (Grande Auditório)

Concerto pela Orquestra Gulbenkian, Dir. Joana Carneiro e o pianista de Jazz, Uri Caine. No programa, além de Beethoven, três obras da compositora portuguesa da nova geração - Andreia Pinto-Correia.

25/4 às 21h e 26/4 às 19h (Grande Auditório)

Os Músicos do Tejo, coro e Orquestra Gulbenkian, solistas e os maestros Marcos Magalhães e Pedro Neves. Duas óperas de dois compositores Ingleses: Henry Purcell (1659/1695), a ópera “Dido e Eneias” e George Benjamin (1960), a ópera “Into the Little Hill”. Lado a lado uma ópera clássica e uma contemporânea. Vá assistir. Se não gostar das duas, asseguro-lhe que, pelo menos, de uma delas gosta.



Giuseppe Verdi

### CENTRO CULTURAL DE BELEM

[www.ccb.pt](http://www.ccb.pt)

19, 20 e 21/4, OS DIAS DA MÚSICA dedicados ao Impulso Romântico.

É a habitual festa da música. Ainda não se conhece o programa detalhado. Terá como base a audição de música do Romantismo. Se nunca foi, não perca - é uma festa - é o que precisamos.

### TEATRO DE S.CARLOS

[www.saocarlos.pt](http://www.saocarlos.pt)

Dados os “cortes” no orçamento da cultura a temporada do S.Carlos, terá somente 3 óperas, as mais populares de Verdi (de que se comemoram os 200 anos do seu nascimento): “O Trovador” e a “A Traviata” em Abril e o “O Rigoletto” em Maio.

“O Trovador” a 10 e 30 de Abril e 7 de Maio às 20h e ainda 14 de Abril às 16h. “A Traviata” a 12 e 16 de Abril e 2 de Maio às 20h e ainda 28 de Abril às 16h.

Como intérpretes solistas estrangeiros e os melhores nacionais. Orquestra Sinfónica Portuguesa, coro do Teatro Nacional de S.Carlos, direcção Martin Andre e encenação de Francesco Esposito.

De um dueto cénico entre Fernando Pessoa e a sua Avó Louca, ao julgamento de Álvaro Cunhal, há de tudo nos palcos da capital. Escolha o tema que mais lhe agrada e vá ao teatro



## Menino de sua Avó

Este é um dueto cénico entre Fernando Pessoa e a sua Avó Louca.

É com um jovial entusiasmo que Maria do Céu Guerra abraça uma personagem como Dionysia, a avó de Fernando Pessoa, que terá tido particular influência no jovem poeta. A partir do inédito de Armando Nascimento Rosa, esta é uma criação partilhada entre a atriz, o ator Adérito Lopes, o cenógrafo José Manuel Costa Reis, o compositor António Vitorino

de Almeida e Rita Lello, que assina a direção de atores. Nesta “divertida fantasia”, material e imaterial confundem-se, e até a atriz se vai multiplicando, à maneira pessoana, entre personagens que se cruzam com um poeta deambulante entre o lado de cá e o lado de lá da vida.

### A Barraca

Estreia em Abril, em data a anunciar

Texto: Armando Nascimento Rosa

Interpretação: Maria do Céu Guerra e Adérito Lopes



## Um dia os réus serão vocês: o julgamento de Álvaro Cunhal

No centenário do nascimento de Álvaro Cunhal (1913–2005), a Companhia de Teatro de Almada cria um espectáculo baseado na defesa que o líder comunista apresentou para si próprio no tribunal que o julgou entre 2 e 9 de Maio de 1950 (uma contundente acusação à ditadura fascista), e cuja actualidade não pode deixar – desgraçadamente – de assombrar-nos. Preso pela PIDE a 23 de Março de 1949, Cunhal recusou-se a prestar declarações. Após a condenação, esteve detido durante 11 anos, oito dos quais em regime de isolamento. Evade-se da fortaleza de Peniche a 3 de Janeiro de 1960. Na sua intervenção em tribunal, Cunhal ataca as políticas seguidas pelo Governo de Salazar. Este espectáculo é também uma homenagem às mulheres e aos homens que dedicaram as suas vidas à defesa da Liberdade, para que fiquem preservados na nossa memória.

### Teatro Municipal de Almada

De 25 a 28 de Abril Encenação: Rodrigo Francisco

Interpretação: Luís Vicente, João Farraia e Manuel Mendonça



## A estalajadeira

Aqui se fala de como, perante uma aristocracia falida, a burguesia começa a impor o seu modo de ver o mundo, fazendo contas, criando o capitalismo. E a mulher ganha pela primeira vez um estatuto: ela é empresária, a dona da estalagem onde tantos destinos se cruzam. uma comédia, uma análise divertida de um mundo em transformação. “Não é fácil saber que o mundo está a mudar. E Goldoni sabe-o, vai vendo o velho ruir, o novo afirmar-se, anota, anota sem fim, vê, tudo vai trazendo para o palco, gente, coisas, contratos, cadeiras.” Um texto de Carlo Goldoni, com tradução e encenação de Jorge Silva Melo.

### CCB

De 26 a 30 de Abril

Direção: Jorge Silva Melo

Interpretação: Catarina Wallenstein, Elmano Sancho, Américo Silva, António Simão, Ruben Gomes, Vânia Rodrigues, Alexandra Viveiros



## O doente imaginário

Nesta peça vamos encontrar uma personagem obsessiva, patética, que não tem sentimentos por ninguém, grotesco no seu egocentrismo, que exige a atenção de todos sem nada dar em troca. Esta recusa da pluralidade, do reconhecimento do outro, resulta na perda do real – por isso, ele tem tanto medo da morte. Quando Molière escreveu “O Doente imaginário” sabia que estava gravemente doente. Interpretava Argão (um falso doente de uma vitalidade incrível) e disfarçava com esgares risíveis a dor das suas convulsões, quando sucumbiu ao quarto dia de apresentações. Foi com a sua própria doença que o autor brincou. Nesta peça, a morte está sempre a entrar em cena para nos fazer rir mas na verdade, esta é uma comédia sombria que assenta numa lúcida reflexão sobre o medo da morte. É a tragédia e não a comédia que interessa revelar... para nos rirmos, como Molière, das estúpidas permanências do comportamento humano.

### Teatro Nacional D. Maria II

De 19 a 28 de Abril

Encenação: Rogério de Carvalho

Interpretação: António Durães, António Parra, Clara Nogueira, Emília Silvestre, Fernando Moreira, Ivo Luz, João Castro, João Castro, Jorge Pinto, Marta Dias, Miguel Eloy e Vânia Mendes



Eileen Gray, Cristina Iglesias, e Kurt Schwitters são os artistas internacionais em destaque lá fora. Se for até Paris, Madrid ou Londres não deixe de visitar as exposições das suas obras



Centro Pompidou, Paris

## Eileen Gray

Até 20 de Maio

Desenho, pintura, interiores, arquitetura, fotografia. Peças únicas, avant-garde, uma série de mistérios. O Centro Pompidou oferece uma retrospectiva única do trabalho de Eileen Gray, artista das artes decorativas e da arquitetura modernista. Eileen Gray pode ser visto como um criativo que combina modos vários de expressão artística para expressar todas as formas de vida interior, com o objetivo de as traduzir em sentimentos universais.

Museu Rainha Sofia, Madrid

## Cristina Iglesias

Até 13 de Maio

Cristina Iglesias começou a estudar arte em Barcelona e a explorar o campo do desenho e da cerâmica. Durante os anos 80 o seu trabalho tornou-se mais visível através da presença em eventos como a Bienal de Veneza. Em 1997, expôs no Museu Guggenheim, em Nova York, facto que marcou definitivamente a sua consagração internacional. Agora é a vez de Madrid abrir as portas do Museu Rainha Sofia para receber a obra da artista espanhola.



Tate Britain, Londres

## Schwitters na Grã-Bretanha

Até 12 de Maio

Esta é a primeira grande exposição em Inglaterra sobre a obra de Kurt Schwitters, um dos artistas mais importantes do modernismo europeu. A exposição, que inclui mais de 150 colagens e esculturas, centra-se no período que vai desde a sua chegada a Inglaterra, quando o seu trabalho foi censurado pelo governo nazi, em 1940, até à sua morte, em Cumbria, em 1948.



Abril, mês de revoluções, de música, exposições e muito mais: no Porto, claro!

## Música

**PRAÇA D: JOÃO** às 18h: No Age + Everything + The Wedding Present + Veronica Falls + Capitão Fausto (12); Matias Aguayo + Lee Ranaldo Band + Omar Souleyman + Linda Martini + Stealing Sheep + Sensible Soccers (13). **CASA DA MÚSICA:** Ao Estilo Italiano, OSP (13); José Pedro Coelho Quinteto, jazz (16); Adriana Calcanhotto (16), Dave Holland & Pepe Habichuela, jazz e flamengo (18), Clássicos de Norte a Sul, OSP (19), Buraka Som Sistema (20), Miguel Araújo (21), Marco Rodrigues, fado (24), Festival Música & Revolução (25 a 28) música italiana ao longo de vários séculos: Avanti Nono, concerto desconcertante, sem palco nem intérpretes (25), Itália Revolucionária do séc. XX, Remix Ensemble + OSP (26), Revolução no espaço, OSP + coro (27); Waldemar Bastos e Aline Frazão (29); Verônica Ferriani e Anelis Assumpção, música brasileira variada (3 mai). **COLISEU:** XIII Tudo isto é tuna, Tunas & Rock'n'Roll, organização da TUNAFE, Tuna Feminina de Engenharia da Univ. Porto (13), Concertos Promenade: Quadros de uma exposição de Mussoegsky (14) Marisa Monte (24 e 25), Resistência (26 e 27), Deolinda (4 mai). **TEATRO DO CAMPO ALEGRE:** Jon Gomm (18). **HARD CLUB:** Efterklang (30). **RIVOLI:** Broadway Baby (12 a 28).

## À descoberta do porto

Bonjói, ou Bonjóia, é um topónimo antigo conhecido desde o séc. IV, local onde existia uma quinta que chegou a ser alugada “pelo foro de mil reis em dinheiro e oito galinhas por ano”. A casa atual, projeto de Niccolò Nasoni (1759) nunca foi concluída, faltando-lhe a ala Nascente. Foi-se degradando até 1995, quando foi adquirida e restaurada pela C.M.Porto. Aí, no dia 27 às 17h30 (gratuito), haverá um Recital pelas Orquestra de Guitarras do Curso de Música Silva Monteiro.

## Exposições

**CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA:** “12.12.12”, 12 fotografos e o Portugal de 2012; “O Poeta da Reportagem: Ryszard Kapuscinski” (até 21). **GALERIA PORTO ORIENTAL:** “Rebentos de Salitre” de artistas residentes na Galiza (até 11 mai). **ESPAÇO PORTO CRUZ:** “O Porto é...”, projeto fotográfico da arqta Conceição Ferreira (até 31 mai). **SERRALVES:** “Obras recentes” (até 10 jun). **BIBLIOTECA M.A. GARRETT:** “Alfred Hitchcock” (até 22). **MUSEU DO VINHO DO PORTO:** “Vindimas por Rogério” (até 28). **BIBLIOTECA PÚB. MUNICIPAL:** “Humanismo, Diáspora e Ciência, séc. XVI-XVII” (até 30). **GALERIA ADORNA CORAÇÕES:** “Lusitania”, coletiva de Joalheria Contemporânea (até 19). **CASA MUSEU MARTA ORTIGÃO SAMPAIO:** “Joalheria Contemporânea em Contexto de Joalheria Antiga” (até 30)

## E ainda

**AUDITÓRIO DO GRUPO MUSICAL DE MIRAGAIÁ:** “Paz em Ciclo de Cinema e Debates” (16h, grátis): “As Flores da Guerra” de Zhang Yimou, China (14) e “Sal da Terra” de Herbert J. Biberman, EUA (28). **CAVES CÁLEM:** “Fado In Porto” visita guiada às caves + prova + espetáculo de fado (de 15 mar. a 15 out.). **CARRO ELÉTRICO HISTÓRICO:** “Viagens de elétrico com o Fado”, partida do Infante, Ribeira (25, 26, 27 às 17h). **SERRALVES:** POP’s, Projetos Originais Portugueses (5ª Edição). **CASA MUSEU MARTA ORTIGÃO SAMPAIO:** Percursos Pedonais: “O Comércio e as Lojas Emblemáticas do Porto”, “Porto Desaparecido” e “Os Teatros do Porto” Marcações prévias: tel.226062744 (até 30, 3ª a 6ª às 14h) e Visitas: “Redescobrimos os descobrimentos nas Artes Decorativas” (até 30, das 14h às 17h)





DESDE 1973 NA VANGUARDA  
DA ENGENHARIA

ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS COM  
OS ARQS. MATOS VELOSO E GOMES RIBEIRO

EDIFÍCIO DO MINISTÉRIO  
DE AGRICULTURA EM MAPUTO